

# Verso&Reverso

Antologia

Parte I (Verso)

Apresentando ao mundo as poesias de Ubirajara F. de Oliveira

Parte II (Reverso)

Apresentando poesias e crônicas de Paulo Cavalcante

Organização

**Paulo Cavalcante**



Parte I – Verso – Poesias

## **Ubirajara F. de Oliveira**

- 07 – Paisagem marinha
- 09 – As palavras ocultas
- 11 – Jogo de imagens
- 13 – Confidencial
- 15 – Irmandade
- 17 – Perda
- 19 – Pastagem
- 21 – Os objetos da insônia

Parte II – Reverso – Poesias e Cônicas

## **Paulo Cavalcante**

- 23 – Ana Vicência
- 27 – Alice no Castelo Branco
- 31 – Soneto para um menino distante
- 33 – Elas... as mulheres
- 35 – O caminheiro
- 37 – O carneirinho feito de corda de lã
- 39 – A menina que mexe comigo
- 43 - Sermão
- 45 – A ninfa nua
- 47 - Presença
- 51 – Insônia
- 53 – Sede
- 55 – Soneto do pensamento
- 59 – Tempo de palavras
- 61 – A rosa do vento
- 65 – Tudo tem o seu tempo.
- (...) até 82 – Crônicas



## Prólogo

## Tudo tem o seu tempo

O cálice é grande,  
Mas o vinho é suíço.  
O cálice é grande,  
Mas o vinho é suíço.  
O cálice é grande,  
Mas o vinho é suíço.  
O cálice é grande,  
O vinho é suíço.  
Cálice grande,  
Vinho suíço  
Mas  
O  
Cálice é grande,  
E o vinho suíço.

A todos que contribuíram para a realização deste livro; Paulo Roberto Cavalcante, por ter sonhado com uma poesia assim.



## PAISAGEM MARINHA

Que lindas cores de algas cristalinas  
se afundando nestas águas mais escuras.  
O esperado encontro da noite com o dia,

O azul no linho da aurora  
e o brilho dos búzios  
sobre crespas pedras.

Nuvens que me afrontam  
com as suas vertigens das alturas;  
revoada de fina chuva no meu rosto,  
após o mergulho em líquidas rochas.

Assim conservo a aliança  
do meu primeiro espanto  
com o verde quase verde dos frutos  
sobre o calafrio das areias

Conchas nas mãos (as pedras mais brilhantes)  
e o dia qual um girassol  
se escondendo  
por trás da cortina do passado.



## AS PALAVRAS OCULTAS

O sentimento não eterniza um pensamento  
de quem trabalha o seu poema para o pão.

E vou criando o que sinto sem pensar:  
selva selvagem de palavras e muita dor  
à semelhança um parto três vezes repetido.

E canto aves no dorso dos cavalos,  
eterno boi de mugidos prolongados,  
semente rebentando em chão escuro  
— paisagem e verduras nas manhãs

Arre, para as palavras me sinto cansado  
e tenho náuseas de terríveis pressentimentos.

A tarde de um poema se faz longa  
como os louros cabelos da infância  
que as madrugadas acariciam  
sem contudo revelar seu destino.



## JOGO DE IMAGENS

Todos os poetas chegam ao seu final  
como as árvores solitárias:  
batidos pelo encantamento das tempestades.  
Assim os dias vão sorvendo a beleza  
e toda a inquietude dos seus olhos negros.

E vai o tempo escorrendo pelos cabelos  
o seu leite de um futuro intranquilo,  
lento como um florescer de ervas nos telhados  
coloridos dos nossos pesadelos.

Morem os poetas como peixes em mar profundo,  
solitários em seus abismos de sonhos,  
cultivando a harmonia dos seus intentos.  
E é triste a transparência do seu sorriso  
quando a existência se ilumina num soluço.



## CONFIDENCIAL

Toda a verdade  
que em mim flutua  
já retorna à casa  
antiga sem morada.

Ó alma do meu pai  
sonâmbula na rua  
zelai os abismos  
sonoros das estradas.



## IRMANDADE

A semente da minha primeira comunhão  
de eterna me transfigura.  
Cantos longínquos da minha inocência  
— o mundo mais vida no sonho e na paz.

O colorido das velas — crianças sorrindo  
minha mãe mais feliz — pureza de afeto  
no olhar da vizinha que nunca me quis.



## PERDA

Perdido é o mundo das coisas passadas,  
do tempo ilusório da fé que não tive.

Perdido foi tudo que em vão desejei  
como quem tudo conquista para sua ruína.

Perdido o encontro com a mulher que amei  
que a estrada era curta para o sonho mais longo.



## PASTAGEM

Onde os cavalos repousam  
lá a minha fome declino,  
sem suor ou mesmo lágrimas  
de um passado que não tive.

A vida é isto que fica  
por trás dos nossos olhos.

Onde as águas suas fomes pastam  
lá eu cultivo a minha sede;  
o que sou de sombra, agora no sol  
trabalho as trevas do meu futuro.



## OS OBJETOS DA INSÔNIA

Sou daqueles que conservam  
( na memória )  
os pequenos objetos  
que na infância não tive.

Sou daqueles que acreditam  
( por acreditar )  
no bem das coisas que virão,  
as quais não alcançarei.

Sou daqueles que nos templos  
( por estar só )  
quase nunca soluça uma oração  
para os mortos em mim presentes

Sou daqueles que de tudo esquecem  
( por descuido )  
quando na madrugada o sol acusa  
o breve despertar.



## ANA VICÊNCIA

Vida, a vida te chama,  
oh! negra Vicência!  
Muitos filhos  
esperam por teus braços:  
eles querem o sol.  
E pela costeira fostes chegando...  
Mãos morenas,  
mãos negras,  
mãos escravas...  
As lágrimas  
foram fertilizando  
o solo.  
Os teus filhos  
desabrochando  
em outras vidas,  
criando  
essa casta multirracial.  
João, Demétrio, Custódio...  
Tantos já se foram,  
foram tantos males,  
tanto sofrimento.  
Quanta ingratidão!  
Mas tu resistes,  
oh! mãe Vicência.



Suscitaste este chão,  
com mão morenas,  
mãos negras,  
mãos escravas,  
oh! Ana Vicência.



## ALICE NO CASTELO BRANCO

Eu não consigo  
parar de olhar  
os pêlos dourados  
a cintilar...  
E fico observando  
os pêlos nos braços de Alice...  
são dourados,  
por isso cintilam.  
Não sei por quê...  
mas sou louco por  
mulheres assim.  
— Seriam de uma cepa diferente?  
E ela segue o encanto,  
girando pelo ar,  
mas depois se afasta  
assim como o mar.  
Por vezes, Alice inquieta-se  
e fica com o olhar mais grave;  
logo vem um sorriso suave  
e a face fica brilhante.  
Quase sempre mergulha no mundo  
e nem percebe que da janela,  
o que se vê,  
somente o céu de chumbo.



Quase sempre mergulho nos sonhos  
e fico imaginando além...  
Eu não consigo  
parar de olhar  
os pêlos dourados  
a cintilar...



## SONETO PARA UM MENINO DISTANTE

Poesia da Antologia Delicatta III

À noite, em sombras, me vem cativante  
A figura de um menino distante:  
A amada que se desfaz em saudade  
Do irmão adormecido ainda à flor da idade

Da catedral sedestre à alameda cinzenta,  
Ergue-se no cimo uma prece libenta  
Suspensa como se tocasse um sino  
Para a alma inocente do menino

Do cipreste desprende um vaga-lume,  
Vejo o menino contemplar o lume  
E Cintilando se declina na noite fria

Meu Deus! Eu com essa fantasmagoria  
Vejo novamente a amada no costume  
De rezar sob a luz da vela que ardia.



## ELAS... AS MULHERES

Umás com requintes divagam pelas cortinas,  
Desfilam num palco com atores e dançarinas.  
Suas vestes são azuis, verde-negras, amarelas...  
E os seios empinados, entre velas, ardentes;

Outras descalças flutuam entre brumas  
Quando dançam ou se divertem entre espumas.  
Alvas, negras, mestiças: princesas e serviçais...  
– Elas são flores desiguais, inquietas.

Ninfas... que vogam perambulando pelas vielas,  
Plêiades... que flutuam no céu de tantas estrelas,  
Amazonas, índias, urbanas e camponesas,

Mulheres com as chamas acesas, como sempre...  
Assim, vejo ao mesmo tempo néctar e absinto  
E só de cogitar sinto nascer de novo.



## O CAMINHEIRO

## Poesia da Antologia Delicatta III

O caminheiro que encontrei um dia  
Enclausurou completamente a vida  
No mesmo lugar que jaz estendida  
A companheira na lápide fria

No desenlace que levou seu afã,  
Sedestre, à noite, no mármore frio  
E a luz que atravessa o seu orleã  
Aguça o corpo causando arrepio

É do caminheiro que encerrou estrada  
Esse amor que a noite suaviza...  
Não sei de onde vem a paixão elevada

Que no mármore frio cristaliza:  
Se vem do amor que a morte não acaba,  
Ou da morte que o amor eterniza.



## O CARNEIRINHO FEITO DE CORDA DE LÃ

O carneirinho feito de corda de lã,  
Branquinho,  
Nuvem de algodão  
Que vai deslizando pelo céu  
Como um balão.

Não... não, o carneirinho não desliza:  
Ele campeia pelos quatros cantos do céu,  
Num vai e vem até cair...  
Onde? Não sei.

O que será que aconteceu com o carneirinho?  
Talvez ele precise de ajuda...  
E o que mais entristece  
É que não vou estar lá para ajudá-lo.



## A MENINA QUE MEXE COMIGO

Menina-fada  
Menina-mágica  
Menina-mulher

Plim plim plim  
Hummm... Essa menina é uma poetisa  
Vai mexendo as palavras  
Com uma varinha de condão  
Plim plim plim

E vão surgindo  
As cores,  
O palhaço,  
O trampolim,  
A menina sapeca  
Que se diverte com toda essa fantasia.  
Plim plim plim

Hummm... essa menina-poetisa,  
Operária das palavras mais leves,  
Mexe comigo...  
Ela me faz voltar a infância  
E ver que tudo é mais solto,  
Mais divertido e gostoso de viver.



Menina-fada  
Menina-mágica  
Menina-mulher  
Menina-poetisa

Menina não tenha medo...  
Nem do lobisomem  
Nem da mula-sem-cabeça  
Nem de Ana Jansen,  
Que aqui, em St Louis,  
Nas noites de sextas-feiras,  
Numa carruagem de fogo,  
Percorre as ruas do centro histórico.

Menina  
Não esqueça  
De fechar a janela  
À meia-noite  
E de manhã abri-la  
Cedinho...  
Ver o colibri...  
Plim plim plim  
E fazer outras poesias  
Plim plim plim



## SERMÃO

Não importa que tenhas muitas mulheres,  
Pois somente a uma Deus dá o véu;  
E se bastante dinheiro tiveres...  
Dá aos pobres e ganharás o céu.

É permitido pecar... pecar muito...  
Setenta vezes sete tem perdão,  
Basta somente não errar no intuito.  
— Por que pecar uma só vez então?

É só pecar de uma forma serena  
De modo que passe à vista pequena,  
O que não pode é pecar à toa.

Tem que ser verdadeiro quando amar;  
Do contrário é mais do que pecar,  
É tentação... Essa Deus não perdoa.



## A NINFA NUA

Ao longo da praia desfaz-se a espuma,  
E como êxtase, o corpo bronzeado  
Da ninfa nua surge todo eriçado  
Num invólucro formado de bruma.

As velas enfunadas no oceano  
Contraem-se no debrum da alva plaga,  
Perto as ondas, mas bem longe a vaga  
Vacila no clarão meridiano.

De repente o sol desfalece,  
O corpo nu verbera a chuva fina,  
Sobre o mar inquieto a bruma cresce,

O manto cinzento se descortina,  
Quando a ninfa nua desenrubesce  
Do nítido contado com a retina.



## PRESENÇA

Para estar aqui contigo  
Atravessei colinas,  
Subi montanhas  
E passei por homens medievais:  
Artesões, bêbados e prostitutas.  
Estava em busca da Rainha  
Que reinava no mais alto castelo...  
Não decifrei o anagrama, todavia.

Assim venho caminhando  
De muito longe  
E quase não pressinto  
As horas que vão passando  
Nem o tumulto sem fim  
Que vai se formando  
E por vezes nem a noite que chega...  
Também não entendo as estrelas,  
Mas imagino os milhões de anos  
Que o céu está disposto com o mesmo formato  
Esse engenho milenar não muda nunca...  
Mas nada é exato, nem preciso e nem definitivo.

Assim é o meu encontro:  
A mulher que espero  
Vem com passos penetrantes



E parece-me roubar a imaginação,  
Pois a estrada é breve  
E o sonho continua.

Os fractais sagrados  
Que me restam  
Vão subsistindo no meio das folhas mortas  
Que a brisa fria oferece.

O meu cálice é grande  
Mas o vinho é suíço.



## INSÔNIA

A insônia se debulha em versos  
Quando sobre o telhado  
A chuva fina me inquieta.

A madrugada se faz longa  
E nem um chá preto a encurta;  
Só a poesia ainda distrai cá dentro  
Nesta clausura.

Repentinamente, sou tomado  
Por uma prece de época remota  
E sinto um desejo de liberdade  
E um zelo divinal que já tive.

Pouco a pouco a claridade pagã  
Vai tecendo a manhã,  
E vão se apagando as lembranças  
Do que devo recordar.



## SEDE

Minha sede  
é sede de palavras lúcidas  
e se tiver que imitar...  
quero imitar quem toma o arado  
pra virar a terra  
ou quem trabalha a poesia  
pra matar a fome.

Minha fome  
é do tempo nascituro,  
não quero a métrica forçada  
pra rimar meu verso.  
Estou armado com a dor  
da vida urbana...  
e o medo não existe para quem escreve.

À noite, debruço-me na janela,  
espero mais um dia de sol,  
e o que me aparece...  
o sol pálido de fumaça da metrópole;  
se pelo menos fosse ardente como o da roça  
e viesse acompanhado com um caruru-azedo,  
eu teria muito mais poesias.



## SONETO DO PENSAMENTO

No outono busco os campos coloridos  
De folhas secas com tonalidades  
Diferentes que orquestram estalidos  
Iguais em ritmos, timbres, gravidades.

Se o casaco de orleã retarda  
A leve brisa que no corpo arde,  
A infância, – vindo agora tarde  
Nas lembranças – o caminhar propaga.

Os bordões suaves do violino,  
Esticado o arco, traz-me tanto alento;  
Esses sons na neve estendido ao vento

Desafiam os passos do menino  
Que vai correndo a todo desatino  
E com ele se vai o meu pensamento.



## TEMPO DE PALAVRAS

Conservo na memória o tempo que passou...  
(o tempo que não passou )  
Ele caminha insone  
nas epopéicas histórias de Joana D'arc, ou  
da sina esquecida dos Teremembeses,  
ou voa na sala de aula no célere aviãozinho de  
papel arremessado por alunos rebeldes,  
desses que fazem barulhos,  
que estalam em algazarra.

Tempo de escola,  
tempo de palavras,  
tempo de conquista,  
tempo de sonhos,  
tempo de paixões,  
tempo de lágrimas,  
tempo de súplica,  
(.....),  
tempo sempre tempo.

Tempo que se acredita  
no bem das coisas que virão.  
Mas o tempo nunca passa...  
Eu que quase nunca acho tempo  
pra buscar os objetos que foram deixados pra  
trás.



E a vida vai ficando despedaçada,  
é isso que fica por trás dos nossos olhos.

Não vou ficar aqui soluçando o tempo  
nem procurando palavras para explicar  
o que passou.

As coisas são assim,  
sujeitas às intempéries.

E o que fica?...

Todos dizem que é a alma.



## A ROSA DO VENTO

A rosa do vento,  
do tempo presente,  
é minha irmãzinha,  
que vai à escola  
e leva a sacola,  
a bolsa de livros.

Acorda bem cedo  
e corre à vontade...  
tanto que um dia  
caiu no poço  
e carrega no bolso  
pavor desse medo.

A rosa do vento,  
sem muitos amigos,  
sem muitos brinquedos...  
tem um outro encanto:  
quando sorri de espanto  
deixa uma lágrima.

A rosa do vento  
do colorido das velas  
e dos cantos da primeira comunhão,  
versos da inocência:  
mais vida no sonho e na paz.



A rosa do vento  
me ensina todos os dias  
que as coisas são simples...  
nunca vi coisa mais certa,  
mais certa que estes versos  
que acho certo.

Quando tardinha  
O sol se esconde  
na beira mar  
e ela fica a pensar...  
será que pensa  
no bem das coisas?

Mas é cedo pra isso...  
Vem outro dia...  
depois da madrugada  
o sol vai exigir  
o breve despertar  
pra vida continuar.

A rosa do vento,  
do tempo presente,  
menina futuro  
que vai à escola  
e leva a sacola,  
a bolsa de livros.



## TUDO TEM O SEU TEMPO

O cálice é grande,  
Mas o vinho é suíço.  
O cálice é grande,  
Mas o vinho é suíço  
O cálice é grande,  
Mas o vinho é suíço  
O cálice é grande,  
O vinho é suíço.  
Cálice grande,  
Vinho suíço  
Mas  
O  
Cálice é grande,  
E o vinho suíço.



# Crônicas



## **Algoz de si mesmo**

Não há em todo o universo algo mais importante do que o ser humano. O cosmo repleto de recursos ainda por explorar: uma riqueza imensurável. Tudo para o homem. Deus nos revelou isso quando disse que a sua maior obra foi e continua sendo o homem — feito à sua imagem e semelhança.

Mas quando se cruza uma avenida de uma metrópole ou mesmo nas ruas movimentadas de um centro comercial, pouco se observa os iguais. Às vezes quando dezenas de automóveis param no sinal, um velar mais aguçado, pode-se ver um olhar triste de um menino, encolhido junto à calçada, e do lado uma muleta. O que a sociedade costuma chamar de menino de rua.

Abriu-se novamente o sinal e a vida continua. Mas a violência não pára por aí. Ela está estampada no dia a dia. Nos jornais, revistas, televisão e também pela internet. As estatísticas dessas violências contras os menores são desesperadoras. Esta semana tomei conhecimento de outra sombria comprovação: no Brasil, a cada quinze segundos uma mulher é espancada, é a violência familiar e doméstica.

E é tanta violência que só nos resta desvencilhar essa teia chamada de poder público. Deve haver crimes por trás destas constatações. Pensando um pouco conseguir relacionar, entre tantos, um dos motivos do caos humano que nos

impuseram: a corrupção. Da banalização do jeitinho brasileiro à imoralidade nos diversos níveis da administração pública, leva-nos recursos imprescindíveis para a solução de grandes desafios.

Enquanto isso não acontece, o rostinho sofrido do menino de muleta implora por um milagre.

## PROJÊNCIA

Para acontecer alguma coisa é no feriado, principalmente quando o feriado é deslocado e vem para a sexta-feira. As coisas começam acontecer logo na quinta-feira, por simples ansiedade. As pessoas gostam de dizer que não vão trabalhar na sexta e não é nem preciso aguçá-las, contudo... coisa de funcionário público.

Mas continuando o feriado... sexta-feira, fui comprar algo numa mercearia e uma senhora sexagenária com o mesmo objetivo também adentrou a venda. Como chegamos à instantaneidade, ela se adiantou: — Atenda logo ele que eu não tenho muita projência!

Agradei a urbanidade e fiquei matutando muito na palavra "projência". Achei-a fascinante.

O resultado foi que me voltei para o dicionário pensando encontrar o verbete, ou, ao menos uma pista que sustentasse a sua existência, mas não havia. Bem como ainda têm muitos vocábulos para aprenderem nossos dicionaristas. Uns que a gente acha que sabem tudo. Não quero aqui desmerecê-los, pois sei que são de valores extraordinários. Nada se compara a sabedoria popular, contudo.

Só me restou, à luz do meu parco conhecimento, analisar projência: esse vocábulo que o editor de texto e o dicionário insistem

ignorar. Assim, sem delongas, vamos ao tronco do verbete: projeto vem do latim "projectu", e compreende algum plano, algo que se quer realizar; a terminação "ência" toda vez que é usada em uma raiz tem o fim de dar efetividade. Assim, no meu entendimento, projência é projeto ou algo que quer realizar com urgência.

É a milenar sabedoria popular e essa arte jamais se incultará.

## O Cavalo de Rodas

Nem sempre quem realiza algum invento é o primeiro a ter a idéia, originariamente. Contam que Sir. Da Vinci deixou diversos rascunhos que mais tarde se transformariam em inventos espetaculares. Faltava-lhe a engenharia, imediatamente; sobrava-lhe idéia, contudo.

Assim cruzei com o Seu Casemiro, homem do campo que tinha o espírito vinciano, pois vivia às voltas com idéias geniais. Uma delas surgiu ainda na sua infância: era o desejo de construir um cavalo de pau com rodas.

Esse meio de transporte (se é que tinha condição de transportar alguém) seria tracionado com o movimento das pernas do cavaleiro, uma coisa bárbara para aqueles tempo e lugar. É claro que em 1940, no campo onde morava, não havia como realizar o invento. Porém a idéia jamais saiu da cabeça.

Entretanto, em apenas uma coisa, não seguiu o método do mestre Da Vinci: não colocou a idéia no pergaminho ante a falta de engenharia no campo para construir o cavalo de rodas.

Mas para espanto do nosso camponês, como ele próprio relatava, certa vez se deparou com o cavalo de rodas: era nada mais nada menos que a bicicleta. Invento que, segundo pesquisei, foi realizado em época mais remota.

Bem assim, Seu Casemiro não perdeu tempo, tratou logo de comprar uma bicicleta e andava montado na engehoca tocando o gado da propriedade. E por onde passava se mostrava garboso mais do que fosse inventor verdadeiro do engendro. Um que foi a própria idéia de infância.

P.S.: Esta é uma homenagem póstuma a Seu Casemiro, um dos homens mais solidários que já conheci.

## **O homem que virava passarinho**

Eu tenho dito sempre nos meus textos que nada supera a sabedoria popular, e isso acontece em todas as áreas do conhecimento. Cada vez que toco no assunto, aparecem-me provas irrefutáveis. Agora mesmo lembrei outro campo onde o popular é insuperável: o imaginário.

Não raras vezes ouvimos comentários sobre existências espetaculares: mula-sem-cabeça, homem que vira bode, carruagem de fogo e tantas outras crendices. E eu posso falar sobre isso, porque desvendi dois desses imaginários, e não foi preciso muita perícia. O que é interessante é a maneira como se inicia a ilusão, principalmente.

Vamos ao primeiro caso: o homem que virava *Matintapereira* (um passarinho de cor preta)

O dito-cujo tinha um vizinho (desses que ninguém merece) e os quintais eram abertos de modo que não havia cerca fazendo qualquer divisão. Certo dia, os dois levantaram de manhã bem cedinho à instantaneidade e foram até o quintal: um viu o vizinho, mas o vizinho estava entretido a observar o tal passarinho, chamado *Matintapereira* e nem se deu conta do outro.

Mais tarde se encontraram na frente da casa e o dito-cujo foi logo perguntando:

– Vizinho! Não me viste no quintal bem cedinho?

– Não. Eu não vi – respondeu o vizinho, intrigado.

O dito-cujo insistiu:

– Estava bem pertinho de ti.

O vizinho ficou pensando consigo:

– Acho que ele era aquele passarinho preto

Após isso, o vizinho saiu espalhando pela cidade que o tal virava *Matintapereira*.

O outro caso se deu lá pras bandas de Bacurituba, terras de São Bento Velho. Uma amiga moradora desse lugar afirmou que havia lá um fogo que passava sobre o campo toda meia-noite e isso enchia os moradores de pânico.

Uma vez, de férias, fui passar uns dias na casa da referida. Conversa vai e conversa vem, nem nos demos conta da meia-noite, coisa que lembrava o fogo.

De repente surgiu aquela tocha acima do campo e ela gritou:

– Olha o fogo!

Pasmem!... Era simplesmente o avião, cuja linha cruzava aquela faixa do campo, e na escuridão completa só se via o clarão intenso. Assim resolvi desfazer o mistério e disse que era o avião, mas ela retrucou:

– Então ainda não é o fogo.

Mas insisti, sarcasticamente:

– É o fogo.

## **O padre que não era padre ou a fé é o café**

Aqui vou dar uma amostra de quanta sabedoria vem do nosso povo: mais do que em qualquer enciclopédia e nas questões mais diversas. É verdade que ultimamente não tenho lido coisa alguma – tenho mais visto e ouvido, exercitando assim a literatura de forma lúdica.

Abro o parágrafo para falar das pregações do Padre Ferreira. Um que nunca foi padre. Na verdade, desde menino, se acostumou a seguir o pároco nas viagens e sermões e assim ia decorando os rituais católicos. Depois foi seguindo, textualmente, o mesmo apostolado – isso de forma clandestina.

Fazia tudo igualzinho um sacerdote: utilizava os paramentos e livros sacros. Havia uma única diferença: na comunhão usava café e biscoito substituindo o vinho e a hóstia.

Não era como um delito: fazia pela magia de querer ser padre, sistematicamente. Eu era um dos seus coroinhas – uma espécie de sacristão do falso padre.

Um dia, e lembro muito bem, quando os fiéis já estavam postos, o "padre" resolveu indagar acerca da fé:

– Vocês sabem o que é a fé?

Como ninguém respondia, uma senhora se levantou no meio da multidão e respondeu:

— A fé é o café.

Houve algumas risadas enquanto o Padre Ferreira contornou a situação explicando o que era fé, essa crença poderosa. Não admitindo a resposta dada pela sua seguidora, todavia.

Não era a resposta da senhora nossa desprovida de autenticidade. É, primeiro, uma falta de analisar as coisas. Onde, acreditavelmente, estou me saindo um perito.

Não seria a fé o café?

O nosso povo se acostumou a tomar o café de manhã para começar bem o dia; digo, digo, afirmo, espiritualmente, para começar bem o dia é necessária a fé.

Assim a fé é o café do espírito.

Quão sábia essa senhora! A que disse que a fé era o café.

## **O dia em que fui revolucionado por uma perua**

Senti que havia algo estranho, pois a perua parava toda hora. Umhas vezes para se desfazer de alguns; outras, para atrair mais pessoas. Antes de continuar o acontecido, quero deixar claro que aqui, no nordeste, denominamos perua – entre outras coisas – qualquer veículo, menor que ônibus, usado no transporte de pessoas.

Foi uma experiência terrível que me aconteceu na segunda-feira que sobreveio ao feriado deslocado: os perueiros estavam em greve e eu não sabia.

O trocador ignorava a lotação e foi entupindo o veículo, obrigando os passageiros a se apertarem, inopinadamente.

Com muita dificuldade só conseguimos chegar a, aproximadamente, um quilômetro do ponto desejado, pois fomos cercados por grevistas que ordenaram o desembarque.

Até aí tudo bem, pois uma caminhada da distância restante se adequava à recomendação médica basilar. O que não ocorreu, contudo. Bem assim no meu caminho surgiu uma perua... agora a palavra tinha um outro significado: mulher de aspecto e atitudes extravagantes.

E ela foi logo definindo que se o roteiro não fosse completado ninguém pagaria a passagem:

aguçando, assim, outros partidários para sua rebelião. Fiquei isolado... tinha uma oportunidade de fazer uma caminhada pelo centro histórico de minha cidade, porém a perua cada vez mais inflamava o ambiente.

Eu fiquei com receio de desafiá-la, igualmente, enquanto o veículo foi sendo fechado. Dessa forma, fiquei preso e revolucionado dentro da perua, mesmo contra a vontade.

Assim entre tantas coisas que se sucederam, não me deveria esquecer a claustrofobia, sobretudo.

## **É Natal... só rendo graças a Deus e aos pobres**

É Natal... bléin! bléin! tocam os sinos de Belém. Não vejo, entretanto, a mesma magia nos rostos das pessoas: não sei se o tempo foi acabando essa magia em mim – aí o problema é meu que fui desbotando como os objetos; ou, se o tempo encerrou tal magia em todo mundo.

Não sei nem se vai haver ou houve o especial do Roberto este ano... Pasmem! É que o meu televisor queimou vai fazer um ano. Amanhã mesmo irei a uma loja escolher um tela plana, e estará encerrado os meus tempos de paz, tempos que não fui ameaçado de nada.

É sim, porque vou assistir o telejornal, vem a política partidária que está incrustada dentro da imprensa, onde ninguém sabe quem fala a verdade e no ano da eleição, sobretudo – trocar de canal é inútil.

E quando chega o noticiário do resto do mundo, sou ainda mais ameaçado: é tsunami, presidentes Bush, Putin, Fidel, Chaves, e o Coreano, todos querendo explodir o mundo. São todos uns pequeninos, pois é assim que meço os políticos, na estatura: só fazem guerra e corrupção; os burocratas, principalmente.

Nessa rede de informações, eu não poupo nem Bill Gates, que agora anda distribuindo cheque à filantropia depois de buscar a riqueza, desenfreadamente.

O que fica atrás dos nossos olhos, o que vai me ensinando diferente e não há nada mais importante e peculiar. Na verdade, não vejo a menor vantagem de falar de gente que é obcecado por dinheiro e poder, só a necessidade e a defesa dos indefesos, indefinidamente. Nada mais que isso e olha que, às vezes, me acho egoísta.

Podem reclamar se quiserem, mas no imediato, só rendo graças a Deus e aos pobres, monetariamente. Estes sim são grandes, conseguem viver sem muitos apetrechos e esquisitices, não vivem preocupados com as coisas materiais e nem andam se empanturrando com negatividades – têm os corações mais leves que já vi.

Feliz Natal e tenha um bom coração.

## **Complicar é o signo**

O Homem por natureza gosta de complicar as coisas. E não adianta você tentar querer descomplicar, pois a sua arte não irá sobreviver e, ainda, a crítica não lhe dará razão. Talvez, porque já nos acostumamos com esse enredo que não muda nunca.

Esta semana reafirmei mais este ponto de vista numa conversa on-line com um escritor revoltado. Ele decidira descomplicar a linguagem dos legisladores. Uns que andam fazendo lei para o povo romano. Sim, falo dos nossos parlamentares que tem a função de criar leis e assim zelar pelas normas de convivência social.

Mas voltando ao nosso bom e árduo decifrador das leis: o assunto que pesquei no momento era o artigo 42 do Código de Defesa do Consumidor que trata de cobrança de dívidas. O inspirado legislador para dizer que o consumidor tem direito a receber em dobro o que pagou em excesso, textualizou o seguinte: o consumidor cobrado em quantia indevida tem direito à repetição do indébito. Não há nada demais no texto, a não ser que é uma lei que pretende resolver o problema de milhões de consumidores de todas as faixas e classes.

Não entende o nosso legislador que o tempo atual exige uma linguagem funcional e não uma estrutura lexicológica. Até aí ia bem o trabalho do

nosso escritor-decifrador, traduzindo a linguagem apurada do legislador que é baseada nos dicionários jurídicos. Depois, começaram as críticas maldosas ao seu ofício: o pessoal não consegue conceber uma linguagem prática.

Diante de tudo e mesmo contra o léxico de plantão, tenho mais que apoiar o nosso generoso decifrador – profissão esta que só existe no Brasil.

Praticidade já!

■ Ubirajara Fernandes de Oliveira, professor e poeta, nasceu no Estado do Espírito Santo e faleceu em Turiaçu (MA), em 07 de janeiro de 1979, aos 42 anos de idade.



**PAULO CAVALCANTE** nasceu em Turiaçu, Maranhão, começou sua aventura literária escrevendo poesias, depois enveredou por outros gêneros, sempre publicando através de sites na Internet, onde participou de algumas antologias. Publicou a Estatueta de Ouro, um Romance baseado em fatos reais e organizou esta antologia com o intuito de homenagear o professor e poeta Ubirajara Fernandes de Oliveira. Atualmente trabalha como funcionário público, mas continua sempre ligado à arte de escrever.



VERSO&REVERSO  
Antologia  
Organização – PAULO CAVALCANTE

A ESTATUETA DE OURO  
by PAULO CAVALCANTE

Vendas: [www.lulu.com/paulocavalcante](http://www.lulu.com/paulocavalcante)  
Contato: [paulodminas@hotmail.com](mailto:paulodminas@hotmail.com)





